

Comentário acerca da tradução do poema *"The Labyrinth"*, de Edwin Muir

André Setti

Edwin Muir, poeta, romancista, ensaísta e tradutor, nasceu em Orkney, Escócia, no ano de 1887, mas aos quatorze anos teve que se mudar para Glasgow. Faleceu em 1959, sem ter retornado à sua cidade natal.

Muir, que pertence a uma geração de excelentes escritores como T. S. Eliot, D. H. Lawrence, W. B. Yeats, Virginia Woolf e James Joyce, produziu, ao longo da vida, uma extensa obra, que inclui livros de poesia, romance e crítica. Ele traduziu para o inglês, em conjunto com sua esposa Willa Anderson (uma romancista bem conhecida na época), *"A Metamorfose"*, de Franz Kafka.

Sua poética caracteriza-se pelo léxico simples e por imagens fortes, por vezes até visionárias. O poema traduzido, *"The Labyrinth"*, publicado em *"Selected Poems of Edwin Muir"*, prefaciado e editado por T. S. Eliot, evoca, com grande beleza, a angústia e o encantamento de um homem face ao labirinto. Com seus recursos sonoros, rítmicos e imagéticos, o próprio poema é o simulacro de um labirinto, na medida em que coloca o leitor dentro do remoinho da imaginação atormentada de um homem ao relembrar sua passagem mítica pelo dédalo.

SETTI, André. Comentário acerca da tradução do poema “*The Labyrinth*”...

Os trechos abaixo, retirados da primeira estrofe do poema, ilustram estes aspectos.

Desde que emergi do labirinto aquele dia,
Deslumbrado com as altas e vibrantes galerias,
Céleres recuos, tantos que quase temi,
Me vi retornando a uma suave esquina,
Eu ou meu fantasma, pois tudo lá era irreal
(...)

Por vezes ouvi o rumor dos meus passos
Ainda ecoando no emaranhado e todas as veredas
Que atravessam o ruidoso mundo, ruas enganosas
Que convergem-se, apartam-se, convergem-se, recintos que
abrem-se
Uns aos outros – e nunca o recinto final –
(...)

Rastros invisíveis, indecifráveis,
Atalhos na terra e túneis subterrâneos
E rastros de pássaros no ar – tudo parte
Do grande labirinto. Então eu cairia
Em abrupta cegueira, acelerado, quase correndo,
Como se o próprio emaranhado me perseguisse
E fosse logo me alcançar.
(...)

Na tradução do mesmo, optei pela manutenção do ritmo e da rima, essenciais ao “efeito labiríntico” do poema, fazendo, num

ou noutro trecho, pequenas adaptações nas imagens. Neste sentido, cito o trecho *"But that my soul has birdwings to fly free"*, que traduzi por *"Se a alma não tivesse as asas da libertação"*.

Edwin Muir é um poeta praticamente desconhecido no Brasil. A qualidade e amplitude de sua obra mereceriam, a meu ver, maior atenção por parte da crítica.

SETTI, André. Comentário acerca da tradução do poema "The Labyrinth"...

THE LABYRINTH

Edwin Muir

Since I emerged that day from the labyrinth,
Dazed with the tall and echoing passages,
The swift recoils, so many I almost feared
I'd meet myself returning at some smooth corner,
Myself or my ghost, for all there was unreal
After the straw ceased rustling and the bull
Lay dead upon the straw and I remained,
Blood splashed, if dead or alive I could not tell
In the twilight nothingness (I might have been
A spirit seeking his body through the roads
Of intricate Hades) – ever since I came out
To the world, the still fields swift with flowers, the trees
All bright with blossom, the little green hills, the sea,
The sky and all in movement under it,
Shepherds and flocks and birds and the young and old,
(I stared in wonder at the young and the old,
For in the maze time had not been with me;
I had strayed, it seemed, past sun and season and change,
Past rest and motion, for I could not tell
At last if I moved or stayed; the maze itself
Revolved around me on its hidden axis
And swept me smoothly to its enemy,
The lovely world) – since I came out that day,
There have been times when I have heard my footsteps

Still echoing in the maze, and all the roads
That run through the noisy world, deceiving streets
That meet and part and meet, and rooms that open
Into each other – and never a final room –
Stairways and corridors and antechambers
That vacantly wait for some great audience,
The smooth sea tracks that open and close again,
Tracks undiscoverable, indecipherable,
Paths on the earth and tunnels underground,
And bird tracks in the air – all seemed a part
Of the great labyrinth. And then I'd stumble
In sudden blindness, hasten, almost run,
As if the maze itself were after me
And soon must catch me up. But taking thought,
I'd tell myself, 'You need not hurry. This
Is the firm good earth. All roads lie free before you.'
But my bad spirit would sneer, 'No, do not hurry.
No need to hurry. Haste and delay are equal
In this one world, for there's no exit, none,
No place to come to, and you'll end where you are,
Deep in the centre of the endless maze.'

I could not live if this were not illusion.
It is a world, perhaps; but there's another.
For once in a dream or trance I saw the gods
Each sitting on the top of his mountain isle,
While down below the little ships sailed by,
Toy multitudes swarmed in the harbours, shepherds drove

SETTI, André. Comentário acerca da tradução do poema "*The Labyrinth*"...

Their tiny flocks to the pastures, marriage feasts
Went on below, small birthdays and holidays,
Ploughing and harvesting and life and death,
And all permissible, all acceptable,
Clear and secure as in a limpid dream.
But they, the gods, as large and bright as clouds,
Conversed across the sounds in tranquil voices
High in the sky above the untroubled sea,
And their eternal dialogue was peace
Where all these things were woven, and this our life
Was as a chord deep in that dialogue,
As easy utterance of harmonious words,
Spontaneous syllables bodying forth a world.

That was the real world; I have touched it once,
And now shall know it always. But the lie,
The maze, the wild wood waste of falsehood, roads
That run and run and never reach an end,
Embowered in error – I'd be prisoned there
But that my soul has birdwings to fly free.

Oh these deceits are strong almost as life.
Last night I dreamt I was in the labyrinth,
And woke far on. I did not know the place.

○ LABIRINTO

Edwin Muir

Desde que emergi do labirinto aquele dia,
Entorpecido com as altas e vibrantes galerias,
céleres recuos, tantos que quase temi,
Me vi retornando a uma suave esquina,
Eu ou meu fantasma, pois tudo lá era irreal
Após o feno silenciar, e o touro
Cair morto sobre o feno, e eu permanecer
Banhado de sangue, se vivo ou morto não sei.
No crepúsculo do nada (eu podia ter sido
Um espírito procurando seu corpo nas veredas
Do intrincado Hades) – desde que saí
Para o mundo, campos quietos instigados com flores, árvores
Florescendo com brilho, breves colinas verdes, o mar,
O céu e tudo em movimento abaixo dele,
Pastores e rebanhos e pássaros e o velho e o novo,
(Espantei-me com o velho e o novo,
Pois no emaranhado o tempo não estivera comigo;
Eu vagueara, parecia, após o sol, a estação e a mudança,
Após o descanso e o impulso, pois não sabia dizer,
Enfim, se caminhava ou estancava; o próprio emaranhado
Girava em torno a mim com seu eixo escondido
E arrastou-me suavemente ao seu inimigo,
O adorável mundo) – desde que saí aquele dia,
Por vezes ouvi o rumor dos meus passos

SETTI, André. Comentário acerca da tradução do poema "The Labyrinth"...

Ainda ecoando no emaranhado e todas as veredas
Que penetram o ruidoso mundo, ruas enganosas
Que convergem-se, apartam-se, convergem-se, ambientes que
abrem-se

Uns aos outros – e nunca o ambiente final –
Escadarias e corredores e antecâmaras
Que ociosamente esperam um grande público,
Suaves rastros de mar que abrem-se e fecham-se outra vez,
Rastros invisíveis, indecifráveis,
Atalhos em terra e túneis subterrâneos
E rastros de pássaros no ar – tudo parte
Do grande labirinto. Então eu cairia
Em abrupta cegueira, acelerado, quase correndo,
Como se o próprio emaranhado me perseguisse
E fosse logo me alcançar. Porém, refletindo,
Diria a mim mesmo: "Desnecessária é a pressa. Estou
Em plena terra firme. As veredas todas abrem-se ante a mim."
Mas meu cruel espírito zombaria: "Não, não tenhas pressa.
Não é necessário. Precipitação e atraso são iguais
Neste mundo singular, pois não há saída, nenhuma,
Lugar algum para ir, e terminarás aqui mesmo,
Bem no centro do emaranhado sem fim".

Não poderia viver se isto não fosse ilusão.
É um mundo, talvez; mas há outro.
Pois um dia, em sonho ou transe, vi os Deuses todos
Sentados no topo de sua isolada montanha,
Enquanto, bem abaixo, pequenos barcos velejavam,
Multidões em miniatura fervilhavam nos portos, pastores conduziam

Seus tímidos rebanhos ao pasto, festejos de casamento
Ocorriam abaixo, pequenos aniversários e feriados
Lavrando e colhendo, a vida e a morte,
E tudo permissível, tudo aceitável,
Claro e seguro como um sonho lúcido.
Mas eles, os Deuses, amplos e brilhantes como as nuvens,
Conversavam em meio aos sons, em serenas vozes,
Suspensos no céu, acima do imperturbável mar,
E seu diálogo eterno era paz, quando todas
Estas coisas eram entrelaçamentos, e nossa vida,
Um acorde profundo neste diálogo,
Como fácil pronúncia de harmônicas palavras,
Espontâneas sílabas incorporando um mundo.

Eis o autêntico mundo; certa vez o toquei,
Agora o tenho para sempre. Mas a mentira,
O emaranhado, a estéril ruína da falsidade, veredas
Que seguem e seguem e nunca alcançam o fim,
Envoltas em erro – ali eu estaria aprisionado
Se a alma não tivesse as asas da libertação.

Ah, estes enganos são quase tão fortes quanto a vida.
Noite passada, sonhei que estive num labirinto,
E acordei distante. Não sabia onde.

SETTI, André. Comentário acerca da tradução do poema “*The Labyrinth*”...

SOBRE O TRADUTOR

André Setti é poeta, tradutor e revisor, com pós-graduação em tradução pela USP. Publicou o livro de poemas *Teatro das Horas* em julho de 2005, pelas Edições K. Faz traduções para editoras e é revisor publicitário.